

13-05-2024

# LINHAS DO TEMPO

## Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Ao folhear a existência, desvenda-se a trama de cada dia. A vida é um livro inacabado, rascunhado, às vezes rasgado, amarelado.

É um livro feito de páginas tecidas de poesia e de crônicas.

Neste viés, leio o tempo, as pessoas, leio-me nos olhos do desconhecido, do trabalhador, do mendigo, dos filhos, do pai. Encontro-me nas linhas da paixão – e também entre os parágrafos de dores e risos. Descubro no folhear diário, as várias versões de mim. Foi assim, por acaso, andando pela cidade, fazendo alguns passeios imaginários, com o qual eu construo a minha vida, que encontrei um intelectual do campo das Humanidades. Estranho, muito estranho o moço que encontrei, como devem ser os intelectuais. Esse sujeito tão ligado a aulas, livros, dissertações, teses, teorias, conceitos, categorias e outros badulaques linguísticos, é capaz de ir ao bar e levar Nietzsche consigo. Depois da meia-noite chega junto com ele a nobre senhora Clarice Lispector, a elegante Lygia Fagundes Telles, e a charmosa Nélida Piñon. Pois bem! O que eu não sabia, e que me assustou, foi outra atividade desse sujeito. Ele não só faz a sua vida em meio a Rousseau, Locke e Hobbes. Ele faz sua vida lendo mãos. Ele é um leitor de mãos. Assustada com esse intelectual que lê as mãos, ele me explicou que a sua avó era cigana e que na cultura cigana de que se originou, ler as mãos é como comer; é como goiano comer arroz e feijão todos os dias. O ato de ler as mãos, tão importante culturalmente para ele e sua família, para sua etnia, me disse ele, é uma forma também dele entender mais a si mesmo. Disse o sujeito intelectual, que cada linha, cada sulco das mãos, carrega o peso da experiência, como uma partitura escrita pela própria existência.

As mãos do trabalhador revelam, além das linhas, por meio de calos e cicatrizes, a história do capitalismo. O leitor de mãos vê nas linhas epidérmicas, algo como rios serpenteantes, relevos meandrosos, vertentes íngremes. Mas o mais importante para um leitor de mãos é ter olhos sensíveis com a capacidade de enxergar além do tangível, de desvendar o tempo entre as linhas. Foi aí que ele me explicou o alfabeto das mãos. Ele me disse que as mãos têm três grandes linhas. Ele chamou-as linhas estruturantes.

A principal linha que corta a palma da mão é a linha do tempo.

De um lado tem uma linha da vida e do outro a linha da morte.

Disse-me que todos nós somos tempo. Apenas isso: tempo.

Andamos nessa linha desde que nascemos até morrermos. E que a nossa biografia, a nossa história, tudo que é constituído nela, como os nossos afetos, estão marcados na linha do tempo. A linha do tempo é uma força implacável, sempre está em movimento.

Ela não se detém, pois avança inexoravelmente em direção ao desconhecido. Esta linha nos acompanha ao longo de nossas vidas, marcando o ritmo dos dias e o ciclo das estações. É um fluxo contínuo que não se deixa conter, por desejos, nem por esperanças. Entretanto, do outro lado tem a linha da morte, sempre à espreita, escondida, silenciosa, ameaçadora. Ela pode ocorrer no trânsito.

E ela ocorre com a covardia que se faz aos trabalhadores em acidentes de trabalho. Ela também ocorre com as covardias nas guerras. Ela ocorre porque o Estado não patrocina a saúde e, às vezes, até o sindicato não luta pela saúde do trabalhador.

Então, está nas linhas das mãos a morte impecável, consistente, depravada, ameaçadora. Explicou também, o nobre intelectual leitor de mãos, que há linhas fora dessas estruturantes.

### Há linhas adjacentes.

As linhas adjacentes são as linhas do afeto, a linha do trabalho diário, a linha da saúde. Depois, dessas linhas adjacentes, há outras linhas, e depois dessas linhas há outras linhas, e há outras linhas, e há outras linhas... A vida é uma infinitude de linhas, mas o mais importante é que esse leitor de mãos disse que não lê as mãos para saber o futuro e nem para saber o passado. Ele lê as mãos para se posicionar na linha do tempo, da vida e da morte; para compreender a si mesmo no tempo e compreender o tempo para compreender a si mesmo. Ler as mãos é ler o tempo, lê-se o tempo para se motivar a viver, a encontrar, a relacionar, a trabalhar, a amar, a ressuscitar, a ressurgir, a transformar.

A linha do trabalho, disse o intelectual leitor de mãos, é uma teia de esforços e ambições, uma busca constante por realizações, sustento, caindo sempre na exploração. Desde as primeiras horas da manhã até o cair da noite, essa linha conduz às ações de homens e mulheres, levando-os por campos de desafios, oportunidades, e às vezes, até à morte.

Ela se estende por diferentes ambientes, desde escritórios de vidro nas grandes cidades até campos agrícolas em regiões rurais e camponesas. As linhas do trabalho dão formas aos dias, untam de suor os rostos dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, podem motivar as grandes lutas contra a exploração.

Há a linha das lutas. Para compreender essa linha, além de ler o tempo e todas as linhas estruturantes, há que ler as ruas e a possibilidade de justiça.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*